

PRÁTICAS CONTRACEPTIVAS ENTRE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL

CONTRACEPTIVE PRACTICE OF NURSING STUDENTS ATTENDING A FEDERAL UNIVERSITY

PRÁCTICAS CONTRACEPTIVAS ENTRE ACADÉMICOS DE ENFERMERÍA DE UNA UNIVERSIDAD FEDERAL

Ana Dorcas de Melo Inagaki^I
Marilúcia Dantas Santos^{II}
Ana Cristina Freire Abud^{III}
Leila Luíza Conceição Gonçalves^{IV}
Amandia Santos Teixeira Dalto^V

RESUMO: Estudo descritivo-exploratório com abordagem quantitativa, cujo objetivo geral foi verificar a prática contraceptiva entre os acadêmicos de enfermagem. Foi realizado na Universidade Federal de Sergipe, cuja amostra reuniu 68 (35,7%) acadêmicos matriculados em 2006. A coleta de dados foi realizada mediante um questionário com perguntas abertas e fechadas pertinentes ao objeto de estudo. Os resultados ressaltam que 49 (73,5%) acadêmicos são jovens; 60 (88,2%) são mulheres e 62 (91,2%) são solteiros; 51 (75%) iniciaram suas atividades sexuais entre 16 e 21 anos; 20 (29%) não utilizaram preservativos na primeira relação sexual; 60 (88,2%) utilizaram o preservativo masculino como contraceptivo; 31 (45,6%) não fazem uso de preservativo em todas as relações, revelando alta vulnerabilidade à gestação indesejada e às doenças sexualmente transmissíveis (DST). Recomenda-se que as discussões sobre sexualidade e vulnerabilidade à gravidez indesejada e às DST nesse curso sejam enfatizadas visando o autocuidado e o papel educativo do futuro enfermeiro.

Palavras-chave: Sexualidade; anticoncepção; doença sexualmente transmissível; enfermagem.

ABSTRACT: A descriptive-exploratory study with a quantitative approach whose general aim is to verify the contraceptive practice of nursing students. The present study was performed at the Universidade Federal de Sergipe (Federal University at Sergipe), Brazil. The sample was composed of 68 (35.7%) regularly registered students in 2006. Data assessment was performed with the use of a questionnaire containing open and closed questions on the object of the study. The results showed that 60 (88.3%) students were young and 49 (72.1%) were single. Concerning their sexual life, we found that 51 (75%) students had their first intercourse between 16 and 21 years of age. 20 (29%) didn't use contraceptives in their first intercourse; 60 (88.2%) made use of male preservatives, and 31 (45.6%) don't use preservatives in all intercourses. These findings show that they have high vulnerability to Sexually Transmitted Diseases (STDs). We suggest discussions on sexuality and vulnerability to STDs at the Nursing School should be emphasized to enhance both self-care and the pedagogic role of the prospective nurses.

Keywords: Sexuality; contraception; sexually transmitted disease; nursing.

RESUMEN: Este estudio descriptivo y exploratorio, con enfoque cuantitativo, tuvo como objetivo averiguar la práctica contraceptiva entre los académicos de enfermería. Fue realizado en la Universidad Federal de Sergipe, Brasil, cuya muestra fue constituida por 68 (35,7%) académicos matriculados en el período lectivo de 2006. La recopilación de datos fue cumplida mediante un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas relativas al objeto de estudio. Los resultados mostraron que 49 (73,5%) académicos son jóvenes; 60 (88,2%) son mujeres; 62 (91,2%) son solteros; 51 (75%) empezaron sus actividades sexuales entre 16 y 21 años; 20 (29%) no usaron preservativos en la primera relación sexual; 60 (88,2%) utilizaron el preservativo masculino como contraceptivo; 31 (45,6%) no hacen uso de preservativo en todas las relaciones, revelando muy grande vulnerabilidad a la gestación indeseada y a las dolencias sexuales transmisibles (DST). Se recomienda que las discusiones sobre sexualidad y vulnerabilidad a la gestación indeseada y a las DST en ese curso deben ser enfatizadas mirando al autocuidado y al papel educativo del futuro enfermero.

Palabras Clave: Sexualidad; contracepción; dolencia sexualmente transmissible; enfermería.

^IEnfermeira, Mestre em Enfermagem, área de concentração Saúde da Mulher pela UNIFESP, Prof.^a Assistente II do Departamento de Enfermagem e Nutrição, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Sergipe. Rua Duque de Caxias, 167/1202 Bairro: São José, Aracaju-Sergipe, CEP 49015-320. E-mail laurodorcas@oi.com.br

^{II}Acadêmica do 9º período do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Sergipe.

^{III}Enfermeira, Mestre em Enfermagem, área de concentração Saúde do Adulto, Prof.^a Assistente I do Departamento de Enfermagem e Nutrição, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Sergipe.

^{IV}Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Prof.^a Assistente do Departamento de Enfermagem e Nutrição, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Sergipe.

^VEnfermeira, Mestre em Enfermagem, área de concentração Saúde da Mulher pela UNIFESP e Prof.^a Adjunta IV do Departamento de Enfermagem e Nutrição, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Sergipe.

INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da prática dos métodos contraceptivos entre acadêmicos de enfermagem. O interesse em estudar esse tema surgiu durante as discussões sobre planejamento familiar na disciplina Enfermagem em Saúde Pública, momento em que emergiu a curiosidade em saber se os acadêmicos de enfermagem utilizam algum método contraceptivo, se ele é usado regularmente para evitar as gestações não planejadas e doenças sexualmente transmissíveis (DST), especialmente a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

A contracepção é um direito de todo casal, pois permite usufruir sua sexualidade de forma responsável e consciente. Para que todo casal possa exercer esse direito é necessário conhecer os métodos disponíveis e ter acesso a eles. Nesse contexto, espera-se que o uso de métodos contraceptivos seja freqüente entre universitários de cursos da área de saúde, já que os mesmos têm acesso ao conhecimento desses métodos.

Este estudo teve como objetivos averiguar a prática contraceptiva entre os acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal de Sergipe (UFS); identificar os métodos contraceptivos por eles utilizados, especificando a regularidade dessa prática; e avaliar a vulnerabilidade dos acadêmicos de enfermagem à gestação não planejada e às DST.

REFERENCIAL TEÓRICO

O planejamento familiar consiste na oferta de métodos contraceptivos aliados ao acompanhamento médico, com garantia de escolha informada no contexto da saúde reprodutiva¹. Acrescenta-se a este o acompanhamento multiprofissional, com enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais.

É uma importante atividade de saúde, tendo como objetivo primordial proporcionar aos casais informações e meios necessários para que possam decidir de forma livre e consciente sobre o número de filhos e a oportunidade em que irão tê-los². Vale ressaltar sua importância para redução da incidência de gestação indesejada e da ocorrência de abortos. Além disso, o uso de métodos de barreiras, como os preservativos masculino e feminino, proporcionam a prevenção das DST/AIDS¹⁻⁴.

Os métodos contraceptivos atualmente disponíveis e autorizados no Brasil incluem os comportamentais, de barreira, hormonais (orais e injetáveis), dispositivos intra-uterinos (DIU) e os métodos irreversíveis (vasectomia e laqueadura tubária)⁴.

Logo, considerando a precocidade da iniciação sexual entre os jovens e suas implicações tanto na saúde como nos diferentes aspectos da vida social, independente das condições socioeconômica e cultural, este estudo torna-se relevante para o conhecimento da temática em questão.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório com abordagem quantitativa, realizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS), na Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos e no Campus da Saúde Prof. João Cardoso Nascimento Júnior, situados respectivamente nos municípios de São Cristóvão e Aracaju, com acadêmicos matriculados entre o 1º e 9º períodos do Curso Bacharelado de Enfermagem. O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da UFS, sendo contemplados todos os aspectos éticos da Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde⁵.

A amostra foi composta por 68 (35,7%) acadêmicos matriculados no período letivo de 2006, sendo não probabilística intencional. Utilizou-se para seleção os seguintes critérios de inclusão: ser acadêmico de enfermagem da UFS; estar matriculado regularmente no Curso Bacharelado de Enfermagem; concordar em participar da pesquisa; assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁵ (TCLE); ter ouvido falar sobre métodos contraceptivos e ter iniciado atividade sexual.

A coleta de dados foi realizada no período de 13 de novembro a 08 de dezembro de 2006, tendo sido aplicado como instrumento um questionário constituído por questões abertas e fechadas pertinentes ao objeto de estudo. Anteriormente à coleta de dados, foi realizado um pré-teste, aplicado a nove acadêmicos de enfermagem, um de cada período curricular, para verificar a adequação do instrumento e, conseqüentemente, submetê-lo à validação, o que foi concluído com sucesso.

Os acadêmicos foram informados sobre os objetivos da pesquisa, o direito de retirar o consentimento individual em qualquer momento da coleta de dados, o respeito à privacidade e ao anonimato dos sujeitos, de acordo com a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde⁵. Eles concordaram com o exposto e assinaram o TCLE.

Para análise dos dados foi utilizada estatística descritiva^{6,7} e a discussão dos resultados foi baseada na literatura atualizada sobre a temática^{1-4, 8-16}.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na amostra estudada, encontrou-se 49 (73,5%) acadêmicos de enfermagem na faixa etária de 18 a 25 anos; 60 (88,2%) do sexo feminino e 62 (91,2%) solteiros.

De acordo com os dados encontrados, infere-se que os jovens ingressam na Universidade com vistas à formação profissional e ao atendimento de suas expectativas e metas.

Quanto à maioria do sexo feminino na amostra, este resultado coincide com o perfil da profissão e com os dados encontrados por Lopes e Leal⁸, os quais referem que na década de 80 ainda havia predominância de mulheres entre os enfermeiros, obtendo índices de 94,1%, e que a presença masculina correspondia a 5,9% e evoluiu para 7,9% no ano de 2006. Desse modo, os atuais resultados confirmam a predominância de mulheres, porém com notável crescimento do ingresso de homens – 8 (11,7%) – na formação universitária em enfermagem.

Em relação ao estado civil, percebeu-se que, na contemporaneidade, os jovens estão adiando cada vez mais o casamento e almejam, primeiramente, a formação profissional com vistas ao mercado de trabalho para se tornarem financeiramente independentes.

Em relação aos métodos contraceptivos mais conhecidos pelos estudantes, identificou-se, nas respostas, a predominância do *condom*, seguido pelo anticoncepcional oral e o dispositivo intra-uterino, conforme expõe a Tabela 1.

TABELA 1: Distribuição dos acadêmicos de enfermagem quanto ao conhecimento sobre métodos contraceptivos, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2006. (N=68)

Conhecimento sobre os Métodos Contraceptivos	f	%
Camisinha masculina	62	91,2
Anticoncepcional oral (pílula)	58	85,3
DIU	55	88,9
Diafragma	43	63,2
Tabelinha	38	55,9
Anticoncepcional injetável	29	42,6
Coito interrompido	25	36,8
Camisinha feminina	24	35,3
Vasectomia	16	8,8
Laqueadura tubária	16	8,8
Adesivo	9	13,2
Muco cervical	9	13,2
Espermicida	7	10,3
Temperatura Basal	6	8,8
Método da Amenorréia da lactação (LAM)	6	8,8
Pílula do dia seguinte	5	7,3
Minipílula	2	2,9
Implante	2	2,9

Tais resultados corroboram outros achados, em que o preservativo masculino foi o método mais referido por mulheres e homens, o que pode estar relacionado tanto à sua utilização como forma de prevenção da gravidez e da forte influência das campanhas de prevenção das DST/AIDS⁹. De forma semelhante, Dias e Spindola¹⁰ também identificaram a predominância do preservativo masculino entre os métodos contraceptivos mais conhecidos entre gestantes de alto risco.

O nível de escolaridade é relevante para obtenção de conhecimento e possibilita que as pessoas tenham maior acesso às informações. No entanto, os resultados desta pesquisa evidenciaram que os universitários, apesar de terem acesso ao conhecimento através da grade curricular em disciplinas como Introdução à Saúde Pública, Enfermagem em Saúde Pública e Enfermagem Obstétrica, cursadas nos 2º, 7º e 8º períodos letivos, respectivamente, em geral desconhecem a variedade de métodos anticoncepcionais existentes ou lhe dão pouca importância.

Em relação ao comportamento sexual, 7 (10,3%) acadêmicos relataram início da vida sexual na faixa etária entre 10 e 15 anos; 51 (75%) entre 16 e 21 anos; e 10 (14,7%) entre 22 e 27 anos.

É fato provado o início cada vez mais precoce da relação sexual, considerado um marco na vida reprodutiva de qualquer indivíduo¹¹. Em estudo anterior também foi relatado que a sociedade em crescente transformação de valores e padrões culturais está convivendo com a realidade de uma iniciação sexual cada vez mais precoce entre os jovens¹², ao lado de questões como AIDS e DST.

Para o Ministério da Saúde¹³, entre os jovens de 16 a 24 anos, a idade média em que ocorre a primeira relação sexual, sofreu queda de 15,2 anos para 15 anos, entre os homens, e de 16 para 15,9 anos, entre as mulheres, entre os anos de 1998 e 2005.

O início da vida sexual entre homens e mulheres é distinto. Enquanto que frequentemente elas compreendem a primeira relação sexual como um momento decisivo na construção do primeiro *relacionamento verdadeiro*, para eles representa um momento de iniciação pessoal no qual a parceira, em sua maioria, não é foco de interesse, tendo pouca importância¹⁴.

Ao avaliar-se o número de parceiros sexuais dos acadêmicos, entre as 60 (100%) acadêmicas 42 (70%) mantiveram relação sexual com somente um

TABELA 2: Distribuição dos acadêmicos de enfermagem segundo a quantidade de parceiros sexuais, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2006.

Quantidade de Parceiros Sexuais	Sexo Masculino		Sexo Feminino		SUBTOTAL	
	f	%	f	%	f	%
Um	2	25,0	42	70,0	44	64,7
Dois	-	-	8	13,3	8	11,8
Três	-	-	3	5,0	3	4,4
Quatro	-	-	1	1,7	1	1,5
Cinco ou mais	6	75,0	6	10,0	12	17,6
Total	8	100,0	60	100,0	68	100,0

parceiro, enquanto, entre os 8 (100%) homens do estudo, 6 (75%) mantiveram relações sexuais com cinco ou mais parceiros, de acordo com a Tabela 2.

Esses resultados corroboram um estudo⁹ no qual se identificou que entre mulheres prevalece a monoparceria, enquanto os homens mantêm multiparceria seqüencial ou simultânea.

O início precoce da vida sexual, as relações com múltiplos parceiros e a não utilização de métodos contraceptivos constituem fatores que tornam os indivíduos mais vulneráveis à gestação indesejável e DST/AIDS.

O elevado conhecimento dos jovens sobre os métodos contraceptivos não implica, necessariamente, o uso adequado ou regular desses recursos. Apesar de nos últimos anos ter havido um aumento considerável do uso de contraceptivos, a sua regularidade ainda deixa a desejar¹⁵.

Ao perguntar aos acadêmicos sobre o uso de método contraceptivo na primeira relação sexual, evidenciou-se que a maioria – 48 (71%) – utilizou o preservativo, enquanto 20 (29%) não se preveniram.

A respeito do comportamento sexual e reprodutivo de jovens brasileiros, no público masculino as principais razões alegadas para não utilizar método contraceptivo na iniciação sexual foram a falta do preservativo na hora da *transa*, a falta de informação e orientação e o *não pensar no assunto*. Entre as mulheres, a *confiança* no parceiro é um dos principais argumentos¹³.

Entre os fatores anteriormente citados¹³, pode-se inferir que aqueles relativos às questões subjetivas e aos preconceitos, que constituem o senso comum, podem interferir no comportamento dos acadêmicos. Entretanto, a falta de informação, baixa escolaridade e condições sociais desfavoráveis não se caracterizam como fatores determinantes do comportamento de risco na amostra estudada. Neste es-

tudo, evidenciou-se que 20 (29%) acadêmicos de enfermagem não utilizaram preservativo na primeira relação sexual, expondo-se ao risco de aquisição de DST/AIDS e/ou uma gestação não planejada. Tal resultado difere sobremaneira de pesquisas realizadas em populações com condições socioeconômicas díspares da presente amostra, a exemplo de Dias e Spindola¹⁰ que concluem que o baixo nível socioeconômico interfere diretamente na adoção de métodos contraceptivos.

Em se tratando da utilização de método contraceptivo, houve predominância – 60 (88,2%) acadêmicos – do uso do preservativo masculino; seguida do anticoncepcional oral – 40 (58,8%) e o coito interrompido – 33 (48,5%), conforme a Tabela 3. O preservativo masculino é, entre os métodos anticoncepcionais utilizados, o mais antigo e tem a vantagem, em relação aos demais, de oferecer proteção contra gestação não planejada e DST/HIV/AIDS¹⁶.

TABELA 3: Distribuição das respostas quanto aos métodos contraceptivos utilizados pelos acadêmicos de enfermagem da Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, 2006. (N=68)

Métodos Contraceptivos Utilizados	f	%
Camisinha Masculina	60	88,2
Anticoncepcional Oral	40	58,8
Coito Interrompido	33	48,5
Ogino-knaus (Tabelinha)	10	14,7
Anticoncepcional Injetável	09	13,2
Camisinha Feminina	06	8,8
Espermicida	02	2,9
Outros	06	8,8

O uso do preservativo masculino com parceiros eventuais foi ampliado de 64%, em 1998, para 79,5%, em 2002³. O aumento desse consumo pode ser devido às campanhas educativas sobre prevenção das DST/AIDS e ao melhor nível de escolaridade da população

nos últimos anos. Quanto ao anticoncepcional oral, as mulheres precisam estar cientes de que os contraceptivos orais protegem-nas contra a gestação, mas não previnem DST/HIV/AIDS.

No que concerne ao uso regular de método contraceptivo, identificou-se que a maioria – 48 (70,6%) acadêmicos – utiliza regularmente algum método, sendo o anticoncepcional oral combinado com outro método o mais utilizado. Vale destacar que 18 (26,5%) acadêmicos de enfermagem não utilizam nenhum método contraceptivo, expressando comportamento sexual de risco^{4,9-12}.

Ao questionar os sujeitos quanto à utilização do preservativo em todas as relações sexuais, constatou-se que 31 (45,6%) não observavam essa prática. Suas justificativas para tal comportamento foram as seguintes: 15 (48,4%) por terem união estável e confiarem no parceiro; 8 (25,8%) não gostam do preservativo e 7 (22,2%) por julgarem que quebra o ritmo da relação e interfere no orgasmo.

O comportamento sexual dos jovens é, principalmente, concebido pelo envolvimento afetivo. De modo geral, no namoro, devido à confiança no parceiro, não há negociação a respeito do uso de preservativos, e as mulheres optam pelo anticoncepcional oral, o que revela preocupação em não engravidar, porém favorece a exposição a DST/HIV/AIDS, a qual é confirmada com o crescente número de mulheres infectadas pelo HIV.

Constatou-se, na amostra pesquisada, que esse tipo de comportamento sexual independe de fatores sociais e econômicos, está fundado em questões subjetivas e de gênero. Tal realidade revela as dificuldades encontradas pelos profissionais de saúde na adoção de medidas preventivas contra DST, mais enfaticamente a partir do advento da AIDS.

CONCLUSÃO

Diante dos resultados encontrados, o perfil dos acadêmicos de enfermagem da UFS ressalta as seguintes características: jovens, solteiros, com início da vida sexual entre 16 e 21 anos, sendo que as mulheres exercem a monoparceria e os homens a multiparceria. Entre os métodos contraceptivos mais utilizados, encontrou-se o preservativo masculino, seguindo-se o anticoncepcional oral. Constatou-se também que 20 (29%) acadêmicos não utilizaram o preservativo na primeira relação sexual e 31 (45,6%) não o adotam em todas as relações sexuais, revelando alta vulnerabilidade à gestação indesejável e DST.

Recomenda-se que as discussões sobre sexualidade e vulnerabilidade à gestação indesejável e DST com estudantes do Curso de Bacharelado de Enfermagem devem ser enfatizadas tanto para o autocuidado deles quanto para o papel de educadores em saúde que eles exercerão na assistência à clientela, com atenção para a relevância dos aspectos subjetivos que influenciam o uso de métodos contraceptivos e a prevenção das DST.

REFERÊNCIAS

1. Vieira EM, Badiane R, Dal Fabbro AL, Rodrigues Júnior AL. Características do uso de métodos anticoncepcionais no Estado de São Paulo. *Rev Saúde Pública*. 2002; 36: 263-70.
2. Camiá GEK, Barbieri M. Planejamento familiar. In: Barros SMO, Marin HF, Abrão ACF, editores. *Enfermagem obstétrica e ginecológica: guia para prática assistencial*. São Paulo: Roca; 2002. p. 23-30.
3. Smeltzer SC, Bare BG. *Tratado de enfermagem médico-cirúrgica*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan S.A.; 2002.
4. Ministério da Saúde (Br). *Assistência em Planejamento familiar: manual técnico*. Brasília (DF): Secretaria de Políticas de Saúde; 2002.
5. Conselho Nacional de Saúde (Br). Resolução nº. 196/96. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 1996.
6. Andrade MM. *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalho de graduação*. São Paulo: Atlas; 2003.
7. Leopardi MT. *Metodologia da pesquisa na saúde*. Florianópolis: UFSC/Pós-Graduação em Enfermagem; 2002.
8. Lopes MJM, Leal SMC. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. *Cad Pagu*. 2005; 24: 105-25.
9. Almeida MCC, Aquino EML, Gaffikin L, Magnani RJ. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. *Rev Saúde Pública*. 2003; 37: 566-75.
10. Dias CN, Spindola T. Conhecimento e prática das gestantes acerca dos métodos contraceptivos. *R Enferm UERJ*. 2007; 15: 59-63.
11. Borges ALV, Schor N. Sexual debut in adolescence and gender relations: a cross-sectional study in São Paulo, Brazil. *Cad Saúde Pública*. 2002; 21: 499-507.
12. Cano MAT, Ferriani MGC, Gomes R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev Lat-am Enfermagem*. 2000; 8: 18-24.
13. Ministério da Saúde (Br). *Cresce uso de preservativo na primeira relação sexual dos jovens brasileiros*. Brasília (DF): Secretaria de Políticas de Saúde; 2005.
14. Simão AB, Miranda-Ribeiro P, Caetano AJ, César CC. Comparando as idades à primeira relação sexual, à primeira união e ao nascimento do primeiro filho de duas coortes de mulheres brancas e negras em Belo

Horizonte: evidências quantitativas. Rev Bras Estud Popul. 2006; 23: 151-66.

15. Teixeira AMFB, Knauth DR, Fachel JMG, Leal AF. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e

na ultima relação sexual. Cad Saúde Pública. 2006; 22: 1385-96.

16. Yazlle MEHD, Patta MC, Carvalho BR, Mendes MC, Duarte G, Coutinho CM. Anticoncepção no puerpério. Rev Fed Bras Assoc Ginecol Obstet. 2000; 34: 13-20.

Recebido em: 10.08.2007
Aprovado em: 19.12.2007